

ETIQUETA E CERIMONIAL: DO RÚSTICO AO REFINADO

Diogo Oliveira Costa
Graduando em História do IFG.Goiânia-Goiás, Brasil.

Data de recebimento: 12/09/2011 - Data de aprovação: 15/10/2011

RESUMO

Breve história da etiqueta e cerimonial na Europa da Idade Média à Idade Moderna, passando por seu apogeu nos séculos XV a XVII, além de fazer uma análise de seus usos e apropriações pela nobreza e pela burguesia, na tentativa de se reafirmarem ou ascenderem.

PALAVRAS-CHAVE: Etiqueta, Costumes, Nobreza, Burguesia e Sociedade de Corte.

ABSTRACT

A brief history of etiquette and ceremonial in the European Middle Ages to the Modern Age, through its heyday in the fifteenth to seventeenth centuries, in addition to an analysis of its uses and appropriations by the nobility and the bourgeoisie, in an attempt to reaffirm or ascend .

KEYWORDS: Label, Custom, nobility, bourgeoisie and Court Society.

INTRODUÇÃO

A etiqueta, nos séculos de seu apogeu (do XV ao XVIII), foi um minucioso cerimonial que regia a vida em sociedade e que obteve seu ápice no reinado do rei Luis XIV de França. Roupas, formas de tratamento, uso da linguagem, tudo isso esteve determinado pela lei e pelo costume. Ainda no século XI os nobres europeus desconheciam o garfo, um utensílio que se tornaria bastante comum, e praticamente, faziam suas refeições usando somente a faca, que por sinal, também era usada para palitar os dentes, cortar a carne, matar um homem, em suma, era também uma ferramenta, e seu uso era bastante abrangente por uma nobreza que ainda comia com as mãos. “É regra comer com as mãos. Não há garfo ou colher. As pessoas se servem com a faca – se vão cortar a carne, que os nobres consomem em quantidade – ou com um pedaço de pão...” (RIBEIRO,1983). Dentro da perspectiva do início do século XI, o uso da etiqueta visava à supressão de atitudes “bárbaras” ou “camponesas”, pois os nobres não podiam agir como tais plebeus. Pelo fato de representar para seu tempo o que concebemos hoje como boas maneiras e higiene, a etiqueta e o cerimonial passaram por transformações e, à sua utilização foram sendo adicionados outros sentidos, que na concepção de Elias, no antigo regime, se dava da seguinte forma.

A prática da etiqueta consiste, em outras palavras, numa auto apresentação da sociedade de corte. Através dela, cada indivíduo, e antes de todos o rei, tem seu prestígio e sua posição de poder relativa confirmados pelos outros. A opinião social que forja o prestígio dos indivíduos se expressa através do comportamento de cada um em relação ao outro, dentro de

um desempenho que segue determinadas regras. Ao mesmo tempo, nesse desempenho conjunto, torna-se visível imediatamente, portanto, o vínculo existencial entre os homens singulares e a sociedade na corte. Sem a confirmação de seu prestígio por meio de comportamento, esse prestígio não é nada. A importância conferida à demonstração de prestígio, à observância da etiqueta, não diz respeito a meras “*formalidades*”, mas sim ao que é mais necessário e vital para a identidade individual de um cortesão. (ELIAS, 1983, p. 117/118)

A partir do século XIII, começa a haver por parte dos nobres uma maior preocupação em refinar seus costumes, tanto no que concerne aos modos à mesa, mas, para além disso, nas maneiras corretas de assoar o nariz, de cuspir, entre várias outras, de modo que através de alguns documentos antigos que foram compilados por Norbert Elias (*O Processo Civilizador*), como: canções e manuais de diversa natureza, pode-se conhecer um pouco mais da sociedade medieval e o processo, paulatino, que a levou a civilizar seus costumes.

A grande preocupação de vários educadores que se propuseram a falar da etiqueta e dos bons costumes, dentre eles pode-se destacar Erasmo de Rotterdan no século XVI, e Tannhäuser no século XIII, se refere aos costumes rústicos (diziam eles: de “camponeses”), que ainda eram praticados pelos nobres, tanto no que diz respeito aos modos à mesa: como o hábito de palitar os dentes com a faca, afrouxar o cinto sentando-se a mesa, assoar-se com a mão durante as refeições, ou ainda devolver à travessa os restos do que comeu, como os modos “camponeses” de assoar o nariz no boné ou na roupa, ou dos “vendedores de peixe”, assoando no braço ou cotovelo. Para Erasmo “Devemos recolher as sujeiras do nariz num lenço, afastando-nos por um momento se estivermos com pessoas superiores a nós” (*De civilitatemorum puerilium*, 1530). Com o tempo percebe-se que algumas ações passam a se tornar indecentes e indelicadas. “[...] Há um desenvolvimento, nem sempre linear, mas que vai transformando os atos naturais de cuspir, cocar-se, bocejar, soltar gases em ações indecentes...” (RIBEIRO, 1983)

Mas além do aspecto da falta de decoro para com as ações já citadas, o que passa a requerer do homem mais polidez para com os mais sensíveis, outro aspecto que vai contribuir bastante para a legitimação de tais regras e a justificativa higiênica, que se impõe ao homem, também em sua privacidade, pois nos manuais do século XVIII constam que “enfiar os dedos no nariz é uma falta de asseio revoltante e, repetida muitas vezes, produz incomodidades no nariz, das quais podemos sofrer” (*Regras do Decoro e da Civilidade Cristã*). Deste modo ocorre uma mudança nos padrões estabelecidos pela etiqueta e o costume da época.

“(...) Desta maneira a linha divisória deixa de passar entre os atos permitidos na intimidade e em público, para distinguir o que é bom para a saúde (coincidindo com o aceitável socialmente) e o que é condenado pela higiene (e, curiosamente também pelas boas maneiras)...”(RIBEIRO, 1983 p.17)

Com o passar do tempo os costumes vão se refinando, de modo que vão se tornando distintos de uma superioridade aristocrática, no caso a nobreza. Não por acaso o exemplo parece sempre vir de cima, sendo retomado pelas classes ascendentes, no caso a burguesia, que contribui para uma difusão em massa das boas maneiras, pois é exibindo os gestos copiados que os burgueses ambicionam

adquirir estatuto de nobre. Como os costumes e a etiqueta podem ser copiados, isso acaba dificultando o *status* de exclusividade e vanguarda da nobreza, de modo que nem sempre as boas maneiras serão suficientes para assegurar exclusividades, em relação à burguesia.

“Pelas boas maneiras não é possível discernir com precisão os graus da sociedade: elas marcam apenas uma *ruptura*, entre o refinamento e a rudeza. Além disso, como são fáceis de copiar, as fronteiras se apagam.” (RIBEIRO, 1983 p. 19)

Desta forma, para a corte do antigo regime outro mecanismo se faz importante para a manutenção do *status quo* da nobreza em detrimento da classe burguesa é o uso da moda. Com ela existe um resgate constante de critérios que distinguem as classes, de modo que sempre que os burgueses se apropriam de um, os nobres inventam outro, o que se arrasta ano a ano e acaba por perpetuar a condição da aristocracia de se manter sempre na vanguarda e ditar as regras. Tal constatação nos permite perceber que, de certo modo, a luta por distinção e exclusividade travada por nobres e burgueses evidenciam dentro dos aspectos do costume e etiqueta uma briga de classes (não necessariamente dentro de uma ótica marxista) partindo da premissa que os burgueses sempre tiveram recursos econômicos, mas que lhes faltavam certo prestígio, que, podia ser alcançado por títulos comprados junto aos nobres além da repetição e sistematização de gestos e costumes praticados pelos mesmos, mas que só puderam ser conseguidos plenamente após a Revolução Francesa, que garantiu a extinção da nobreza selou o sucesso e a vanguarda que passaria desde então as mãos da classe burguesa.

Mas ainda assim a corte continua mantendo a vanguarda nos costumes e a moda se faz um mecanismo eficiente para se manter à frente.

“Na moda: se confirma a qualidade do “criador de moda”, atestando sua superioridade social, ela também o induz a abandonar sua criação e a propor novas. A moda é questão de velocidade; de tornar efêmero o belo; de grifar uma assinatura mais importante que a obra exposta”(RIBEIRO, 1983 p.20)

A etiqueta e os costumes conhecem seu apogeu no reinado de Luis XIV, sendo que seus cerimoniais caem em desuso nos reinados que o sucedem de modo que, para Maria Antonieta, rainha de Luis XVI, ao invés da ostentação e das constantes aparições, além de outras atitudes comuns aos cerimoniais, tem-se uma reclusão da Delfina e sua ênfase na vida privada, algo bem diferente a época, o que evidencia o eminente declínio e seu desprezo pelos ritos da corte.

“Finalmente com Maria Antonieta, rainha de Luis XVI, é o triunfo da vida privada: ela abandona as grandes construções de Versalhes pelo espaço pequeno do Trianon, onde recebe seus amigos do clã Polignac, todos se sentando de igual maneira. O dever de *representação*, pelo qual a realeza se exhibe ao público e reconhece os nobres em sua hierarquia, agora é vivido como estorvo: a preferência da rainha pelos amigos irrita a aristocracia, que nela vê um arbítrio a romper regras e genealogias, e por isso se afasta da corte...” (RIBEIRO, 1983 p.92)

Contudo, a etiqueta permaneceu muito tempo, ligada ao aspecto binário entre refinados e rudes, enquanto se pensa em roupas e maneiras, isso é extremamente conveniente à nobreza da corte, que pode exercer maior controle sobre tais aspectos.

“Uma distinção tão simples só beneficia a nobreza enquanto esta acelera os ritmos, apressa a substituição dos gestos que a caracterizam e, feito um comandante que troca a cada noite a senha do quartel, garante o controle sobre o ingresso em seu meio.” (RIBEIRO, 1983 p. 21).

Mas outro aspecto que contribui para o declínio dos costumes, cerimoniais e da moda da corte foi o dinheiro, a partir do momento que os burgueses ascendem e passam a rivalizar mais com a corte esta por fim deixa de ser hegemônica, e é finalmente suplantada, perdendo seu prestígio e opulência.

“Bastará que se multipliquem os centros de criação da moda para perturbar-se a hegemonia do gosto nobre. Quando Paris, no século XVIII, desaloja Versalhes da posição de ditadora da opinião, quando a cidade suplanta a Corte, está aberto o caminho para as modas divergirem, deixando de haver um critério consensual sobre o que merece prestígio.” (RIBEIRO, 1983 p.21)

O RECORTE FRANCÊS E SUAS ESPECIFICIDADES

O estudo acima demonstra que a concepção de etiqueta já no antigo regime, ia muito além do decoro e das boas maneiras, seja no quarto, à mesa, ou no que concerne aos hábitos de assoar-se ou cuspir em público, fica claro que tais atitudes não deixaram de ter sentido, ou se tornaram menos importantes, mas, tiveram uma resignificação.

O estudo de Norbert Elias traz luz à discussão dos usos da etiqueta. É interessante ressaltar, que em seu livro *A Sociedade de Corte*, Elias estuda a corte francesa do Ancien Régime, no reinado de Luís XIV, de modo que a base de seu estudo é a sociedade que se desenvolve dentro dessa corte, “A proposta de Elias, portanto, é compreender a sociedade do Ancien Régime a partir da formação social que pode qualificá-la: a corte. Portanto, não a corte, mas a sociedade de corte” (CHARTIER, 1983, p. 8/9). Dentro desta delimitação temporal do estudo de Elias, torna-se evidente, que a etiqueta e o cerimonial se tornam mecanismos distintivos dentro da corte, de modo que seu uso por parte da nobreza da corte (dentro de sua hierarquia), pode-lhes garantir tanto a manutenção de privilégios e seu status de prestígio em relação às massas e aos demais componentes da aristocracia de títulos inferiores, de maneira que esse jogo era regido pelo comandante geral, o rei, grande fio condutor desta sociedade.

Dentro do círculo fechado da corte, o uso da etiqueta servia como uma função das estruturas de poder, pois “tinha uma função simbólica de grande importância na estrutura dessa sociedade e dessa forma de governo” (ELIAS, 1983, p.102). Os nobres que residiam na corte constituíam uma hierarquia, assim os que detinham os graus mais altos desfrutavam dos maiores privilégios, e tinham mais chances de conseguirem favores do rei, e os usos da etiqueta e cerimonial serviam para manutenção de tais privilégios, de modo que existia uma pressão constante de todos

os componentes dessa hierarquia para que os que estivessem em cima descessem e os que estavam em baixo subissem, partindo da premissa que todos os que compunham a disputa eram parte de aristocracia, como fica evidenciado nas *entrées*.

Uma vez que a hierarquia dos privilégios foi criada segundo os parâmetros da etiqueta, esta passou a ser mantida apenas pela competição dos indivíduos envolvidos em tal dinâmica, privilegiados por ela e compreensivelmente preocupados em preservar cada um dos seu pequenos privilégios e o poder que eles conferiam (ELIAS, 1983, p.103)

Dentro da estrutura de corte existia um jogo de poder, onde havia uma coerção exercida, de uns nobres sobre outros, sobre os indivíduos interdependentes dentro de suas figurações, de modo que a etiqueta e o cerimonial se tornavam cada vez mais uma forma de se conseguir mais poder e status de forma que “No fim das contas, essa coerção da luta por poder, status e prestígio continuamente ameaçados era, sem, duvida o fator determinante que obrigava todos os participantes desta estrutura, articulada em sua escala hierárquica, a continuar realizando um cerimonial” (ELIAS, 1983, p.104). Sendo assim o uso da etiqueta e do cerimonial, mais as coerções aplicadas acabavam gerando instabilidades constantes dentro da hierarquia da ordem, pois muitas atitudes, gestos, ou os modos, podiam ascender ou decair os propósitos dos cortesões que compunham a corte.

A ordem hierárquica na sociedade de corte oscilava incessantemente. O equilíbrio no seio dessa corte era muito instável, como dissemos. Às vezes tratam de pequenos abalos, quase imperceptíveis, outras vezes, de abalos grandes e bastante perceptíveis, que alteram ininterruptamente a posição dos indivíduos e sua distância em relação aos outros. (ELIAS, 1983, p. 108)

Dessa forma se percebe que o jogo por ostentação, status e prestígio, além do aspecto do discernimento dos inferiores, acontecia dentro da própria hierarquia de corte, e também fora dela, em relação à burguesia. Mas também haviam disputas entre os dois grupos, pois os nobres sempre dispunham de mecanismos para manter um distanciamento em relação a outrem, de modo à sempre se manter na vanguarda.

Para todo grupo, casta ou camada social de elite de certo modo estabilizado e demarcado em relação a outros, mesmo sujeito a uma pressão de baixo e, às vezes, também de cima, podemos dizer que sua mera existência como membros de uma unidade social de elite é para eles um valor absolutamente autônomo, seja parcial ou absoluto; em suma, um fim em si. A conservação da distância torna-se, com isso, o motor ou a marca decisiva de seu comportamento. (ELIAS, 1983, p. 119).

Dessa forma se fez importante para a corte, sempre manter essa distância, de modo que as constantes pressões burguesas e sua busca por ascensão não os colocasse no mesmo patamar da aristocracia, o que seria repugnante de se aceitar vindo de uma classe que “paga impostos”.

Portanto, percebe-se, ao mesmo tempo em que se estabeleceu uma luta por prestígio dentro do círculo da corte, essa luta também se configurou por fora, no que diz respeito ao distanciamento e distinção da burguesia e forte pressão que essa exercia a partir do século XVIII. Essa insistência burguesa fica expressa nas várias tentativas de se igualar ao *status quo* da corte, através dos mecanismos de etiqueta que eram constantemente copiados pelos burgueses, o que gerava uma renovação constante por parte da nobreza da corte.

Seus membros se transformaram em “gentis homines burgueses”. Macaqueavam a nobreza e suas maneiras. Mas era exatamente isso que tornava inúteis os modismos de conduta continuamente aprimorados no círculo da corte como meio de distinguir-se o indivíduo dos demais, - e por isso os grupos nobres eram forçados a refinar ainda mais a conduta. Repetidamente, costumes antes considerados “refinados” tornavam-se “vulgares”. As maneiras eram polidas incessantemente (...) (ELIAS, 1983, p. 252 O processo civilizador).

Mas com a revolução francesa em 1789, os valores e prestígios a vanguarda o poder e a própria classe nobre são suprimidos pela revolução, o que cabalmente acaba fazendo com que passem a vigorar novos valores e concepções baseados na ótica da classe vencedora e beneficiada com a revolução: os burgueses, pois “a partir desse momento, as profissões e o dinheiro passaram a ser as principais fontes de prestígio, e a arte, o refinamento da conduta social, deixou de ter para a reputação e o sucesso do indivíduo a importância decisiva que possuía na sociedade de corte” (ELIAS, 1983, p. 252 O processo civilizador). A continuação de algumas formas e mecanismos de corte não deixaram de existir, mas após a revolução perderam completamente sua função e relevância, pois não havia mais motivos para tal, dentro de uma nova sociedade regida por uma nova classe e novos valores.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

RIBEIRO, R.J. ***A Etiqueta no Antigo Regime: do sangue a doce vida***. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ELIAS, N.,. O Processo Civilizador Volume 2. **Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983 .

ELIAS, N. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.